

YASMIM PADILHA GERMANI

AS DESCOBERTAS DE UMA DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM FORMAÇÃO

Porto Alegre

2024

YASMIM PADILHA GERMANI

AS DESCOBERTAS DE UMA DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação
Física da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Lisandra Oliveira e Silva

Porto Alegre

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Lidiane Germani e Giancarlo Germani por todo amor e apoio durante minha formação e a minha família por todo incentivo.

Dedico também, a realização deste Trabalho à memória de meu Avôs, Romão e Luis Carlos, gostaria que estivessem presentes neste momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Lidiane e Giancarlo por estarem sempre presentes me incentivando na realização de meus objetivos profissionais.

Agradeço, também, a todos os professores que fizeram parte de minha formação acadêmica, pelos aprendizados.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Lisandra Oliveira e Silva, pela oportunidade e confiança durante minha graduação e pelo apoio e disponibilidade durante a construção deste Trabalho.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender os impactos dos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na construção de docência de futuros professores. Esta pesquisa aprofunda as aprendizagens construídas e os desafios vividos a partir da realização dos três Estágios de Docência e da Residência Pedagógica, procurando compreender e refletir como estes contribuíram para a formação docente em Educação Física. Metodologicamente, caracteriza-se como um estudo baseado na Pesquisa Autobiográfica, na qual procurei narrar e refletir sobre a prática pedagógica da experiência nos três Estágios de Docência, além de apresentar os desafios e as aprendizagens dessas práticas. Concluo que o percurso dos Estágios é um período de ricas aprendizagens e de diversas oportunidades para que os estudantes da graduação possam se descobrir neste papel docente. Ao final desta pesquisa, reflito como os estágios possuem significativa importância para que eu encontrasse o tipo de docência que pretendo seguir e construir, a partir das experiências vividas e das reflexões sobre elas.

Palavras chaves: Educação Física; Docência; Estágios de Docência; Formação Inicial.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo geral	12
1.2.2 Objetivos específicos	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 ESTÁGIO DE DOCÊNCIA	14
2.2 A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA	14
2.3 AMBIENTE ESCOLAR	18
3 METODOLOGIA	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	22
3.2 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DA INFORMAÇÃO	23
3.2.1 ANÁLISE DE DOCUMENTOS	23
3.2.2 DIÁRIO DE CAMPO	24
3.2.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	25
4 PROCESSO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	27
4.1 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NO ESTÁGIO DOCENTE DE EDUCAÇÃO INFANTIL	27
4.2 PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	34
4.3 PROTAGONISMO DE DISCENTES NO ESTÁGIO DOCENTE DO ENSINO MÉDIO	42
5 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	54
APÊNDICE A – TABELA DE REVISÃO DE LITERATURA	54

INTRODUÇÃO

Ingressei no Curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no ano de 2019. Lembro que a trajetória para passar no vestibular foi um significativo desafio, principalmente emocional. Me formei no Ensino Médio em 2017, terminei essa etapa educacional sem saber ao certo qual profissão iria escolher, e tenho recordações dessa dúvida ser algo que me atormentava todos os dias, pois sempre fui uma pessoa que gosta de ter certeza de suas escolhas.

Durante o período do Ensino Médio, em que as responsabilidades falam mais alto, trabalhei como assessora de um advogado que era amigo da minha família e me conhecia desde pequena, e lembro que, no início, fiquei apaixonada pela área e queria me tornar uma advogada. O tempo foi passando e aquela carga de trabalho exaustiva em frente ao computador foi me desanimando, na verdade, percebi que não era o que eu queria, mas também não sabia distinguir qual seria minha escolha. Tomei a decisão de sair desse local e apenas estudar para o vestibular, mesmo sem certezas.

Certo dia, minha ex-professora de patinação artística, esporte o qual pratiquei dos 5 aos 13 anos de idade, me chamou, perguntando se tinha interesse em ser monitora dela, aceitei, e de monitora passei a assumir turmas e senti que estava fazendo algo que me proporcionava prazer, entusiasmo e, diferente das demais experiências que tive em outras áreas profissionais, tinha vontade de estar ali. Comecei com turmas iniciantes e realmente gostava de ensinar, a ponto de receber vários elogios dos pais, algo que me fez perceber que era boa no que estava fazendo. Nessa trajetória, pude ter a experiência de treinar alunas para competição, parte do esporte que eu sempre amei, assim, cada competição era um novo desafio para eu mesma. Infelizmente, quando ainda praticava, precisei abandonar os campeonatos porque estava ficando difícil financeiramente de ir para competições fora do estado, pois após ganhar o campeonato Gaúcho, passaria de nível para outras categorias. Além disso, conciliar com a escola, na época, estava uma rotina pesada por conta de altas cargas de treino.

Contudo, possuo grandes recordações e graças a esse esporte aprendi a lidar com diversos sentimentos como frustração, auto confiança, foco e determinação. Apesar de não seguir nesse esporte, percebo que me proporcionou hoje estar inserida na Educação Física e na parte da licenciatura principalmente, pois esta foi minha ligação e meu motivo de ter escolhido a licenciatura, gosto de ensinar e de ver os alunos conseguirem se

desenvolver, gosto de me desafiar também como docente e conseguir chegar nos resultados que desejo.

Além disso, o motivo de ter escolhido realizar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi por sempre estar inserida no meio docente, desde o início da minha jornada na Universidade. Logo que ingressei em 2019, consegui um estágio remunerado em uma escola de Educação Infantil, na qual pude construir muita experiência. Naquela época, não tinha ainda passado pelas disciplinas de Estágio Docente da graduação, e, tão pouco, tinha acompanhamento supervisionado de alguém da área, ou seja, aprendi sozinha a me comunicar, propor atividades e conhecer o universo escolar que, diga-se de passagem, é extremamente complexo, como qualquer outro ambiente, em que se reúnem pessoas de diferentes pensamentos e personalidades.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender como as experiências construídas nos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física e da Residência Pedagógica da UFRGS impactaram a formação acadêmica e a constituição da docência de uma estudante de Graduação. Ou seja, pretendo nesse trabalho narrar de modo reflexivo as etapas, frustrações, descobertas e aprendizados da minha formação durante os Estágios de Docência (Estágio na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio) e também do Programa de Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS, procurando compreender os elementos que foram constituindo a docente que estou me tornando.

Os Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento acadêmico e profissional dos estudantes. Os estágios oferecem uma oportunidade prática para aplicar o conhecimento teórico adquirido com as diversas disciplinas voltadas para a formação docente, bem como, preparar os estudantes para a vida profissional e suas escolhas profissionais, pois, após o estágio, muitos estudantes percebem se é o caminho que desejam seguir, se possuem vontade de exercer tal profissão. E isto acontece, pois o estágio proporciona que seja apresentada a realidade escolar, diferente do que acaba-se construindo ao longo da bagagem teórica durante as aulas das disciplinas.

Assim, por meio deste TCC venho relatar minhas experiências de idealização versus realidade, com fins de poder auxiliar aqueles que irão passar por essas etapas e também aqueles que já passaram, e talvez possam se identificar. Acredito que na área em que atuamos, é de grande importância dividirmos conhecimento e experiências.

Este TCC está organizado em quatro capítulos. No primeiro, apresento a aproximação ao problema, os objetivos do trabalho e o problema da pesquisa. A partir disso, no segundo capítulo disserto sobre a revisão de literatura. Na sequência, discorro sobre a metodologia e os procedimentos para obtenção da informação na pesquisa que realizei. No quarto capítulo aprofundo a discussão e com um processo reflexivo faço uma conclusão final.

1. APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA

Dando continuidade ao que foi apresentado na Introdução, denomino de imaginação, o momento que antecede os estágios, aquilo que se imagina ser o universo escolar e, até mesmo, todas as memórias de nossa época como estudantes no Ensino Fundamental. A partir disso, denomino como realidade as reais experiências que obtive como a experiência docente nas escolas que realizei os estágios.

Realizo esse TCC a partir de reflexões e experiências que pude vivenciar ao longo de minha jornada em estágios obrigatórios, as quais me possibilitaram conhecer, experimentar e vivenciar a Educação Física no contexto escolar, assim como, alguns desafios encontrados, em que pude refletir sobre o caminho que quero seguir como docente. Penso que esse é o principal objetivo dos estágios e que pude adquirir grandes ensinamentos: fazer o elo entre nós (estudantes), com a futura profissão, a docência. Além disso, acredito que vivências no universo escolar, entendimentos e formas de comunicação com crianças e adolescentes dentro da escola, são assuntos pouco falados, e, até mesmo, de pouco conhecimento dos próprios pais.

Aproveito para fazer uma breve reflexão sobre os três estágios que realizei, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e mencionar o quanto é importante os docentes de Educação Física terem essas experiências durante a formação inicial, o que não acontece, de modo tão aprofundado, em outras graduações de licenciatura da UFRGS, como pude perceber na participação do Seminário Docente com outras áreas da licenciatura, que participei no ano de 2023, contando minha experiência como Monitoria do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil. Os estágios obrigatórios oferecem uma ponte entre a teoria acadêmica e a prática profissional, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes necessários para uma possível carreira bem-sucedida na área.

Assim, a partir de minhas reflexões até aqui, sobre o impacto dos estágios obrigatórios para formar um docente, ressalto que o estágio de Educação Física na Educação Infantil foi a etapa mais desafiadora para mim, pois mesmo com uma bagagem anterior que eu já tinha de trabalhar com crianças, parecia que era meu primeiro contato com elas, e percebi que, mesmo com experiências anteriores, eram experiências criadas com a prática, e não somente com um embasamento teórico. Isso porque, logo que entrei na Universidade, comecei a realizar um estágio não obrigatório em uma escola de Educação Infantil, e naquela época, não tinha supervisão de um profissional da área, e,

raramente apoio da coordenadora. Porém, por outro lado, tive contato com professoras maravilhosas que sempre me auxiliavam e compartilhavam suas experiências com a pedagogia, porém, faltou ter a supervisão de alguém da área da Educação Física para orientar, trocar e expandir os conhecimentos de estagiária. Além disso, foi um significativo desafio, pois lá aprendi muito sobre como funciona uma escola privada, em que as maiores preocupações são os pais e não as crianças, por exemplo.

Do mesmo modo, como era professora de 8 turmas, que tinham aulas de Educação Física todos os dias, tive contato com muitas crianças com deficiências inclusivas. Neste momento, percebi que estar em contato direto com crianças com diversos desafios de inclusão é realmente uma realidade assustadora, e que somente os pais dessas crianças e os envolvidos na escola conseguem entender, e quando acontece uma evolução, mesmo que pequena, é de muita alegria para todos. Com essas crianças com deficiência, aprendi a entender as necessidades específicas da criança, conversando com os pais, terapeutas ou profissionais de apoio para obter informações sobre a deficiência da criança, suas habilidades, limitações e quaisquer adaptações necessárias. Como também, modificar e adaptar as atividades de acordo com as necessidades individuais da criança e sempre que possível promover a inclusão, incentivando a participação ativa da criança em todas as atividades, promovendo um ambiente inclusivo. Isso pode envolver a sensibilização das demais crianças para a importância da diversidade e respeito às diferenças. E por fim, estimular o desenvolvimento motor da criança, levando em consideração suas capacidades e desafios individuais. E acredito que minha principal aprendizagem foi lembrar sempre que cada criança é única, e as estratégias precisam ser personalizadas de acordo com as necessidades específicas de cada uma.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa deste trabalho ficou configurado na seguinte questão: “Como as experiências construídas nos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS e da Residência Pedagógica impactaram a formação acadêmica e a constituição da docência de uma estudante de Graduação?”

1.2 Objetivos

A partir do problema de pesquisa apresentado, apresento, a seguir, os objetivos geral e específicos do Trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender como as experiências construídas nos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física e Residência Pedagógica da UFRGS e da Residência Pedagógica impactaram a formação acadêmica e a constituição da docência de uma estudante de Graduação.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Narrar e analisar como as vivências e os desafios enfrentados nos Estágios de Docência e Residência Pedagógica contribuíram para a constituição da minha formação;
- Destacar momentos-chave, desafios enfrentados e estratégias utilizadas para superá-los, além de conquistas e aprendizados pessoais que contribuíram, ao longo do processo da experiência e desenvolvimento pessoal e profissional, a partir dos três Estágios Docentes e da Residência Pedagógica.

Na seção seguinte, apresento a revisão de literatura feita na construção desse trabalho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, após as considerações iniciais com a contextualização da temática escolhida para este estudo, a definição do objetivo geral, os objetivos específicos e o problema de pesquisa, o passo seguinte na elaboração deste Trabalho foi a Revisão de Literatura, a partir dos temas que considerei relevantes para concretização do presente estudo.

O referencial teórico é a base que sustenta uma pesquisa, já que para avançarmos em determinado estudo, é necessário conhecermos o que já foi desenvolvido por outros pesquisadores. Julgo extremamente relevante este tópico, pois representa ir buscar nas bases de dados informações para compartilhar com o leitor os resultados de outras pesquisas que estão relacionadas com o estudo que está sendo realizado em pauta.

Gaya(2016) afirma que a Revisão de Literatura, chamada pelo autor de Estado da Arte, é uma parte importante do trabalho científico, destacando que seu propósito é procurar descrever o que já se tem registrado sobre o conteúdo pesquisado. Busca-se, preferencialmente, subsídios, dados, informações para seu próprio estudo, ao conhecer a produção bibliográfica de uma determinada área do conhecimento.

A pesquisa para a revisão de literatura deste Trabalho foi realizada nas seguintes revistas científicas da área de conhecimento da Educação Física: Motrivivência (Florianópolis), Motriz: Revista de Educação Física (Online), Movimento (UFRGS), Pensar a Prática (Online), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista da Educação Física (UEM, Online), Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), LUME – Repositório Digital – UFRGS. Para realizar esta pesquisa, utilizei os seguintes descritores: Educação Física; Docência; Estágios de Docência; Formação Inicial.

Em um primeiro momento, foram selecionados 30 artigos para análise e leitura do resumo, a partir do que tinha relação com a temática desta pesquisa e, destes, selecionei 17 para utilizar na revisão de literatura (Apêndice A). Realizei uma leitura mais aprofundada e reflexiva desses 17 artigos, assim, verifiquei que estes tinham relação direta com a pesquisa e irei dissertar sobre eles, com o foco em analisar e refletir sobre como as experiências docentes, a partir de vivências dos três Estágios de Docência e Residência Pedagógica denominados de idealização versus realidade), influenciaram na minha construção enquanto docente de Educação Física.

2.1 ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

No curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS, o estágio é concebido como disciplina com um corpo de conhecimento próprio, em que pode ser realizado a partir da quinta etapa do currículo do Curso, por meio de uma parceria com escolas públicas das Redes Municipal e Estadual de Ensino da cidade de Porto Alegre/RS.

Os estudantes são submetidos a práticas pedagógicas nos diversos níveis de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), sob orientação de um docente do Curso de Licenciatura e do professor da escola escolhida para o Estágio.

Costa Filho e laochite (2015), consideram o estágio um espaço de investigação e pesquisa, que busca promover a inserção do futuro professor no ambiente de trabalho, realizando tarefas reais e admitindo o papel de docente. Do mesmo modo, é considerado um espaço de aprendizagem da profissão e de construção da identidade docente (Ezer; Gilat; Sagée, 2010), sendo o lócus da formação (Candau, 1997; Souza Neto et al., 2012), da sistematização da pesquisa sobre a prática, com vistas a sintetizar e refletir sobre as experiências vividas (Lima, 2008).

De acordo com o do Conselho Nacional de Educação, quando se pensa em Estágio Curricular Supervisionado, afirma o seguinte:

Como um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é profissional reconhecido em ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário (Brasil, 2001, p. 21).

Assim, percebo o estágio um espaço de construção e reconstrução de experiências e saberes, no qual o aluno do curso de Educação Física tem a possibilidade de colocar em prática de forma individual, visto que cada um absorve e reproduz de sua maneira, o que lhe foi ensinado, construindo sua identidade docente, conseqüentemente errando e aprendendo, aperfeiçoando e moldando a partir de suas práticas, ocasionando uma reconstrução que seria considerado o resultado final ao longo do curso. De acordo com (Pimenta; Lima, 2011), o estágio deve promover a articulação entre a formação inicial e a prática, integrando o processo de formação docente com o campo de atuação, não

somente enquanto objeto de análise e de investigação, mas também como objeto de interpretação crítica.

Assim, pode-se interligar com a questão da reconstrução, quando o estudante da Formação Inicial é submetido à prática e começa a observar a si mesmo com um olhar de percepção do seu papel e se questionar sobre seus atos e resultados, se está sendo eficaz ou não em frente aos desafios. Bandura (1997) destaca que os desafios são oportunidades para aprender a transformar fracassos em sucessos e que a construção de uma crença de autoeficácia resiliente, ou seja, que resista a intempéries, necessita ser construída com base na superação de obstáculos que requeiram perseverança, revelando ao estudante e futuro professor que, para se obter sucesso no ensino, é necessário um esforço contínuo.

E dessa forma, os conhecimentos construídos nas disciplinas da graduação são confrontados com os desafios da prática que os futuros professores necessitam enfrentar, pois de nada adianta terem o conhecimento teórico, habilidades e capacidades, se eles não acreditam ser capazes de colocá-los em prática (Bandura, 1997). Essa reflexão a partir da prática gera um processo cognitivo de construção e reconstrução de suas crenças pessoais, entre elas, as de autoeficácia, que é a crença que uma pessoa tem em sua capacidade de realizar com sucesso uma tarefa específica ou atingir um objetivo. Ou seja, é a convicção de que uma pessoa possui as habilidades, conhecimentos e recursos necessários para lidar com situações desafiadoras e alcançar o sucesso em suas jornadas.

No capítulo seguinte irei falar sobre a construção da docência, refletindo e apresentando minha compreensão e entendimento a partir de alguns conceitos e ajuda de alguns tópicos selecionados na revisão de literatura, para fins deste Trabalho.

2.2 A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

Acredito que o processo da construção docente não se aplica apenas a teoria que se aprende, mas um olhar aprofundado para o que se está realizando. Irei refletir nesse tópico a partir da pergunta que é feita no estudo de Nunes e Fraga (2006): “O que nos prepara efetivamente para a função de professor?”. Ao ler esse questionamento no presente estudo, pensei em diversas respostas, mas me identifico, primeiramente, com o pensamento de que a maioria dos estudantes possuem uma grande dificuldade em colocar a teoria em prática, como se não houvesse uma articulação entre as duas. Isto é

algo que, no decorrer da minha jornada, trocando informações e debatendo com meus colegas do curso de Educação Física da UFRGS sobre esse quesito, pude concluir que a maioria dos estudantes compartilham desta dificuldade e, para mim, esse processo de construção docente, muitas vezes, se torna complexo, pois não existe o caminho correto, por ser um campo que abrange diferentes áreas de conhecimento, como: pedagogia, fisiologia, sociologia, biomecânica, história, cinesiologia e, assim, cabe ao docente conhecer todas essas principais áreas para repassar seu conhecimento teórico em prática, juntamente com o ambiente em que está inserido e suas limitações. Já Molina Neto e Giles (2003, p. 253), apresentam uma reflexão sobre o entendimento de que: "A formação profissional não pode descuidar das relações entre a teoria que procede das investigações e a prática teórica cotidiana da Educação Física nos diferentes ambientes onde ela se desenvolve".

O período do estágio é o momento de compreender o sistema de ensino, as políticas educacionais, a escola e como ela funciona, juntamente com as pessoas que se encontram no local com os quais irão desenvolver processos de aprendizagem. Por isso, a partir de minhas experiências nos estágios, defino a construção do saber como algo intuitivo que se desenvolve em forma de atitudes a cada circunstância apresentada, em que é necessário alinhar a teoria, a aprendizagem da prática e a sensibilidade para saber aplicar seus conhecimentos, assim, é fundamental ter sensibilidade para filtrar o que irá ser passado adiante.

Ainda, refletindo sobre a pesquisa de Nunes e Fraga (2006) e procurando responder a pergunta inicial deste capítulo, acredito que não há uma receita certa para isso. Como também, durante minha formação, pude me deparar com casos em que alunos do curso de Educação Física percebem, ao longo de sua jornada acadêmica, que não possuem habilidades para ser docente ao enfrentarem a realidade escolar. Por mais que nossa profissão seja julgada como algo fácil no senso comum, apenas quem é professor entende a responsabilidade que carrega, que é tão grande quanto outras profissões. Assim, a função do professor e sua construção se torna complexa, justamente por não existir uma fórmula, exige uma mistura de razão, com um olhar sensível para cada aluno e cada momento diante a diferentes conflitos e contextos.

Para reafirmar esse conflito entre a teoria e a prática, percebo ser importante trazer neste tópico o estudo de Rodrigues (2006), sobre uma concepção de professor enquanto intelectual – reflexivo – transformador, em que trás o pensamento que é vivido por muitos

docentes de que “na prática a teoria é outra”, que tenta distanciar o conhecimento teórico e o conhecimento prático:

Exercer a atividade docente, ou seja, “dar aulas” não se resume a uma atividade técnica. O ato de ensinar não é o mesmo que aplicar métodos e técnicas, ou ainda copiar a receita do bolo na resolução de um problema qualquer que possa surgir nas diversas situações de aula. A dificuldade maior não é encontrar a resposta do problema e sim identificar o problema ou as situações problemáticas (Rodrigues, 2006, p. 03) [grifo do autor].

Pois, é na escola, no convívio, nas situações diversas do dia-a-dia, principalmente nos imprevistos, que o aluno da graduação de Educação Física se constrói e juntamente com a orientação de professores experientes, com um “saber diferente” daqueles aprendidos na Universidade, e se depara com situações a serem resolvidas. Apresento neste momento, a partir de minhas experiências, a importância do papel do orientador de estágio. Nos três estágios que realizei (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) compartilhei dessa experiência com professores (orientadores) que seu maior objetivo não era ver se o planejamento ocorreu de maneira correta ou se o estagiário conseguiu controlar a turma, mas perceber a atuação do estagiário frente às situações e como as solucionaram, e sempre trazendo a reflexão de o que poderia ter sido feito ou evitado. Além disso, com a orientação de um professor, a relação entre a coordenação escolar e alunos da graduação, foi bem instruída para que pudessem se inserir no ambiente escolar, ser parte integrante, o que, muitas vezes, o professor de Educação Física é deixado de lado nas escolas. Posso afirmar, de acordo com vivências de meus estágios não obrigatórios, que ter o professor de Educação Física orientando os estagiários da graduação no estágio curricular, possibilita que estes últimos possam enxergar seu lugar dentro desse mundo docente e saber o que é aceitável em questões de intervenções de demais professores e superiores quando exercerem seu papel docente frente a turma futuramente, e, não mais como estagiário.

De acordo com o pedagogo Schön (1983), pude concluir que é preciso diferenciar três conceitos diferentes que integram o pensamento prático para compreender melhor a questão da reflexão como componente complexo e importante da atividade do professor: conhecimento-na-ação, reflexão-na-ação e reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação. Considerando a análise que o indivíduo realiza após os processos e as características de sua própria ação, ou seja, utilizar o conhecimento para analisar e

avaliar sua própria conduta, com o propósito de compreender e reconstruir em novas bases de conhecimento a serem expostas a partir de ações.

Moreira (1995) propõe que se dê relevância à preocupação com a função social do professor presente na ideia de intelectual transformador, a dimensão mais acadêmica do pesquisar-em-ação, assim, sendo intelectual transformador e, também, um pesquisador de sua prática. Sugere, portanto: “que os/as professores/as universitário/as, orientados/as por uma concepção de prática docente como contexto produtor e não apenas consumidor de conhecimentos, colaborem com os/as futuros/as professores/as em estudos que os/as ajudem a refletir sobre seus processos de ensino e de aprendizagem, estimulando-os a investigar seus desempenhos ou a participar de pesquisas já em andamento” (p. 18).

Por fim, de acordo com Pimenta (1997, p. 12): “A formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica”. Portanto, a construção do saber se promove a partir de situações de problemáticas específicas que surgem nas relações sociais que são estabelecidas no papel de transição de estagiário para futuro docente.

2.3 AMBIENTE ESCOLAR

Dando continuidade aos tópicos apresentados acima, considero de grande importância falar sobre o ambiente escolar, que é o local denominado instituição, onde ocorre a formação docente e também sua trajetória profissional. Nesse sentido, a escola é o ambiente de trabalho de um profissional de Educação Física. Assim, de acordo com Saviani (2013): “A função social da escola é a de propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola devem organizar-se a partir dessa questão” (p. 14). Dessa forma, ainda nesse contexto e a partir da literatura, é possível fazer a reflexão sobre o professor como um instrumento de pesquisa, segundo Pimenta e Lima, (2010, p. 11):

O repensar essa questão, assumindo a crítica da realidade existente, mas numa perspectiva de encaminhar propostas e soluções aos problemas estruturais, sociais, políticos e econômicos dos sistemas de ensino e seus reflexos no espaço escolar e na ação de seus profissionais constituiu o núcleo das pesquisas em várias áreas da educação, em especial no campo da pedagogia e da didática.

Assim, conseqüentemente, desenvolver um saber denominado pelos autores como crítico-reflexivo no ambiente escolar, por isso, a escola se torna um ambiente de constante transformação, dos alunos e professores.

A partir destas reflexões dos autores citados acima, compreendo que a escola possui inúmeras funções, como o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas do indivíduo, capacitando-o a tornar um cidadão, porém, a principal delas é a social. De acordo com Pérez Gomez (1998), a função da escola, concebida como instituição especificamente configurada para desenvolver o processo de socialização das novas gerações, aparece puramente conservadora: garantir a reprodução social e cultural como requisito para a sobrevivência mesma na sociedade.

E quando fala-se sobre reprodução cultural, é possível debater sobre o fato do ambiente escolar ser uma junção de experiências de vida, ou seja, o docente traz consigo vivências anteriores à formação inicial e vivências do período de formação, e o aluno da escola carrega suas vivências pessoais, que acabam refletindo nas suas relações escolares. Por isso, na maioria das vezes, se encontra alunos em que é difícil acessar e conseguir sua participação em aula, porque nem sempre a família caminha pela mesma direção da escola. Além disso, o ambiente escolar é uma junção de diferentes personalidades e modos diferentes de pensar, em que há uma hierarquia, como em todo local de trabalho.

De acordo com Oliveira, Silva e Molina Neto (2014, p. 03):

Compreendemos espaço físico como uma forma de representação social, ou seja, como organização social que é construída pelos diversos sujeitos sociais através do tempo, portanto, histórica, e, por isso, interligada a produção de cultura, de sujeitos e de sociedade. Estudar a dimensão material e de instalações da escola no contexto desse estudo se justifica, pois, esta é entendida como um espaço peculiar e de dupla dimensão em que um conjunto de regras e padrões tratam de homogeneizar e (de)limitar as ações dos sujeitos. Há uma constante apropriação dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma a vida escolar.

Quando me deparei com essa situação, na qual o docente é responsável por educar e socializar os sujeitos pertencentes a determinada comunidade, percebi, também, que a Educação Física enquanto Componente Curricular da Educação Básica, possui grande peso no quesito de formação, porque é o momento em que os alunos podem se desenvolver e se expressar. Assim, é o momento em que não são submetidos a cultura escolar da sala de aula em ordem, com todos alunos em suas respectivas classes e na Educação Física é o momento em que os alunos podem se expressar.

De acordo com Dayrell (1996), pude concluir que desde a forma de construção, até a localização dos espaços na escola, tudo é delimitado formalmente de acordo com princípios pré-estabelecidos, que enunciam uma expectativa de comportamento das pessoas que usufruem desses locais. Neste sentido, a arquitetura escolar interfere na forma de circulação dos indivíduos, e na definição das funções para cada ambiente.

Dessa forma, quando pensamos nessa questão de arquitetura escolar, percebemos que a Educação Física dentro da escola possui grande papel formador, porque proporciona que durante suas aulas aconteçam diversos acontecimentos e situações que servirão de aprendizado, tanto de descobrimento individual, quanto de desenvolvimento para socializar em grupo. Por exemplo, saber lidar com uma timidez, descobrir seu potencial em algum esporte, saber se posicionar frente a um grupo, e além disso, a Educação Física proporciona que os alunos experimentem vivências culturais, movimentam seus corpos, adquirem uma qualidade de vida saudável e ativa e aprendem a considerar e lidar com seus próprios medos, desafios e trabalhem suas potencialidades.

Abordei neste capítulo conceitos sobre a construção de saberes de um estagiário do curso de Formação Inicial de Licenciatura em Educação Física, e procurei refletir sobre os processos enfrentados nesta formação. Além disso, comentei a partir de estudos e autores que me auxiliaram a enfatizar meu pensamento acerca desta problemática.

Por fim, apresentei princípios que auxiliam na compreensão das minhas reflexões. Na sequência deste TCC, irei debater sobre a metodologia utilizada para elaboração deste trabalho.

3. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para este Trabalho é de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, a partir de uma narrativa autobiográfica.

Visando reafirmar a metodologia deste Trabalho, segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários reais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

De acordo com Josso (2009, p. 137):

Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências. É por isso que o desafio das situações educativas se encontra na imaginação de formas de aprendizagem que vão surpreendendo o aprendiz. Estas formas oferecem uma oportunidade de transformar a vivência proposta em experiência analisada, no decorrer da situação educativa. Os professores devem cultivar o seu imaginário e a sua capacidade de imaginação, para se tornarem “bons educadores”, ajustados, por um lado, à formação pessoal (existencial) dos alunos e, por outro, aos recursos que eles precisam na sociedade em que vivem [grifo da autora].

A narrativa autobiográfica, por sua vez, trata de uma modalidade de pesquisa que foi escolhida por existir uma conexão pessoal significativa entre as minhas experiências de vida e o tema deste TCC. Isso pode adicionar uma camada de autenticidade a esta pesquisa, demonstrando que não apenas estudei para poder desenvolver este tema, mas também vivi experiências relacionadas a ele, as quais ofereceram oportunidade para reflexões críticas sobre o meu desenvolvimento intelectual e pessoal ao longo da graduação. Dessa forma, foi possível incluir análises de desafios superados, mudanças de perspectiva e momentos-chave que moldaram minha compreensão e entendimento sobre o tema desta pesquisa.

Este TCC é baseado em reflexões e análises de minha prática pedagógica, através das experiências construídas nos três Estágios Docentes do Curso de Licenciatura em EFI da ESEFID/UFRGS e da Residência Pedagógica, a quais seguem informações abaixo em uma tabela:

ESTÁGIO	ANO REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO	ESCOLA	NÍVEL EDUCAÇÃO INFANTIL/ ANO EDUCAÇÃO BÁSICA
Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil	2022/1	Escola de Educação Infantil da cidade de Porto Alegre	Jardim B
Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental e Residência Pedagógica	2023/1	Escola Estadual e Municipal de Ensino Fundamental da cidade de Porto Alegre	Nono Ano
Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Médio	2023/1	Escola Federal	Segundo Ano

E com o objetivo de fundamentar as escolhas metodológicas para este trabalho, apresento, a seguir, a caracterização do estudo, e, dentro deste tópico, abordo a conceituação e os procedimentos para obtenção da informação na pesquisa realizada.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A narrativa autobiográfica em questão, representa uma forma de contar histórias, em que busca não apenas relatar eventos, mas também explorar o significado e o impacto dessas experiências na formação da identidade de quem está escrevendo. No caso do presente estudo se trata do impacto das experiências na formação docente. E, seguindo essa linha de raciocínio, esta pesquisa possui uma abordagem com corte qualitativo, o principal destaque para esse método é que trabalha-se com informações, segundo Negrine (2010), que se sustenta na crença de que está direcionado a desenvolver conhecimento ideográfico, com a finalidade de buscar significados entre os objetos estudados:

A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição e análise e na interpretação e discussão das informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada (Negrine, 2010, p. 59).

Para Negrine (2010), a pesquisa qualitativa é considerada também uma pesquisa cujo objetivo trata de investigar relações e comportamentos complexos e subjetivos, por exemplo o contexto escolar.

Dessa forma, de acordo com Negrine (2010), um dos instrumentos de obtenção de informação mais utilizados na pesquisa qualitativa é a observação, a partir dela, se torna fundamental a atenção, a qual para Merleau-Ponty (1996) depende também de ingredientes como concentração e reflexão que transitam por diferentes estados de consciência.

Conceitualmente, esta estratégia de investigação acaba inserindo o sujeito como objeto do estudo para produzir a narrativa e construir o conhecimento, dessa forma, segundo Vygotsky (1982), a interação do homem com o meio resulta em processos mentais elementares (atenção, memória, percepção e pensamento).

A seguir, apresento os procedimentos para obtenção de informações utilizados na pesquisa que realizei.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

Para obtenção das informações da pesquisa, utilizei como principais procedimentos, os registros em diários de campo dos três Estágios realizados e da Residência Pedagógica, a análise de documentos e a observação participante. A seguir, irei descrever os procedimentos utilizados.

A escolha se deu pelo fato de realizar o estágio em docência no ensino médio na escola, e, portanto poder criar vínculo, tanto com os alunos, como com a direção da escola e o professor de educação física.

3.2.1 Análise de Documentos

Para realização dessa pesquisa, analisei diversos documentos, dentre eles, considerei os documentos elaborados pelas escolas (Projetos Políticos Pedagógicos), os Planos de Ensino e os Planos de Aula dos três estágios, bem como a narrativa escrita que produzi no Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil. Dessa forma, analisei os seguintes documentos assinalados abaixo:

- a) Projeto Político Pedagógico de cada escola citada no quadro visto anteriormente;
- b) Planos de Aula: realizei a releitura com atenção aos momentos-chaves e reflexões pertinentes nos Planos de Aula, os quais foram desenvolvidos durante os três Estágios de Docências de Educação Física e a Residência Pedagógica, nos três semestres;
- c) Planos de Ensino: realizei a releitura dos Planos de Ensino desenvolvidos; durante os três Estágios de Docência de Educação Física e Residência Pedagógica, nos semestres 2022/1 e 2023/1;
- d) Narrativa escrita e reflexiva produzida no Estágio de Ensino Infantil, Estágio de Ensino Fundamental, Estágio de Ensino Médio e Residência Pedagógica.

Ao analisar estes Documentos, foi possível refletir sobre minhas vivências durante a trajetória na realização dos três Estágios de Docência e da Residência Pedagógica, e foram fundamentais para construir as categorias de análise deste Trabalho, que tratarei no próximo capítulo.

3.2.2 Diário de Campo

O Diário de Campo trata de um caderno físico pequeno e simples, em que, ao final de cada aula dos estágios e da residência registrei vivências, reflexões e questionamentos a partir de situações, momentos-chaves ou trocas de conhecimentos com colegas e orientadores. Do mesmo modo, registrei nos Diários anotações que pensei serem importantes ao observar as aulas de alguns colegas e das reuniões com Orientadores do Estágio de cada nível.

De acordo com Molina Neto, Frizzo e Silva (2014), o Diário de Campo é definido a partir da seguinte reflexão:

Uma vez que para nós, a escola e a sala de aula ainda são os melhores “laboratórios” para investigar, produzir, sistematizar e fazer circular conhecimento pedagógico. Procedimento bastante utilizado pelos antropólogos e etnógrafos, esse diário resulta, ao mesmo tempo, em um lugar no qual o estudante registra em detalhes suas ações pedagógicas com a turma, as dificuldades enfrentadas no trato do conhecimento e com os estudantes, as tomadas de decisões e, ainda, como uma espécie de “amigo crítico”, um interlocutor que o escuta em silêncio. Do mesmo modo, nesse diário, relatam seus sentimentos, emoções e ideias que lhes passam pela cabeça e que precisam tomar forma e ser discutidas antes de serem

postas em prática. Nele, o estudante deve planificar suas ações e subsidiar suas atitudes, ou seja, no diário igualmente é descrito o que o estudante pensa em desenvolver em sua prática de ensino, “antes da aula”, e posteriormente, é registrado o que desse planejamento conseguiu, de fato, realizar. É importante destacar que só o estudante, autor do diário, e seu supervisor de estágio têm acesso ao conteúdo do mesmo. Além disso, esse diário será fundamental para o estudante refletir sobre sua prática docente, e, se constituirá em um importante instrumento de coleta de informação para elaborar conhecimento próprio (p. 6) [grifo dos autores].

Este procedimento para obtenção de informação de pesquisa, possui grande valor para construção deste Trabalho, pois através dos registros escritos, ao longo da minha trajetória nos Estágios, pude ir desenvolvendo minhas primeiras impressões como docente e compreendo através da escrita, minhas inquietações em forma de dúvida, como também, compreendendo sentimentos como: felicidade, insegurança, nervosismo e controle emocional, ao decorrer de cada acontecimento novo, discutindo formas de resolver problemas, o que poderia ter sido feito diferente ou elaborando formas de responder minhas perguntas internas. Além disso, o Diário serviu para que eu aprendesse a transformar meus sentimentos em escrita, algo que no começo da experiência docente foi extremamente complexo, ainda mais por se tratar de “escrita a mão” e do poder de descrição, em meio ao mundo digital que estamos acostumados. Entretanto, percebo o quanto foi valioso, principalmente para a escrita desse estudo, em que pude reler meus pensamentos (descritos no papel) e perceber grande evolução ao longo de minhas anotações.

De acordo com Silva (2012), o Diário de Campo pode ser definido como: “[...] registros e anotações pessoais sobre as idas a campo e dos diversos ambientes observados. Por estar extremamente associado às observações, é possível dizer que o diário é a sistematização das observações realizadas no trabalho de campo” (p. 129).

Assim, percebo que a partir da narrativa autobiográfica, pude me posicionar diante de situações relatando minha opinião e meus sentimentos a partir do que estava sendo observado e dos diversos sentimento experienciados em determinadas situações. Penso, ainda, que a narrativa autobiográfica foi construída a partir da metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa, com ênfase nos atos de observação e de descrição.

3.2.3 Observação Participante

A partir da minha experiência como docente em formação, o exercício de observar acabou enraizado em minha personalidade, como também, para os demais aspectos de

minha vida. Ou seja, aprendi a observar, em seguida absorver e re-significar em reflexões pertinentes para tal ato, principalmente durante reuniões com os demais colegas estagiários e professores orientadores.

Nesse sentido, a observação participante é assim definida por Negrine (2010, p. 68): “Essa tarefa requer que se utilizem processos mentais superiores, como: a atenção, a percepção, a memória, e o pensamento, para observar fatos e realidades sociais presentes”.

A seguir, apresento o processo de análise e de interpretação das informações construídas a partir da realização dos Estágios de Docência de Educação Física da ESEFID da UFRGS e da experiência da Residência Pedagógica. No seguinte tópico, procurei apresentar minhas reflexões sobre as aprendizagens construídas e desafios vividos nos Estágios de Docência de Educação Física, em confronto com a revisão de literatura apresentada no início deste Trabalho.

4 PROCESSO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Após a obtenção de informações, partir para a fase de discussão dos resultados através da análise das informações obtidas na pesquisa. Ao longo da análise, procurei construir categorias argumentativas e interpretativas que permitiram compreender o problema e os objetivos de pesquisa, a partir das minhas experiências nos três estágios e na residência pedagógica.

Esta etapa do Trabalho foi organizada em três subcapítulos. No primeiro, irei tratar sobre minhas aprendizagens e conhecimentos adquiridos no Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil. O segundo capítulo trata das aprendizagens e conhecimentos adquiridos no Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental juntamente com minhas aprendizagens na Residência Pedagógica. E, por fim, no terceiro capítulo, apresento as reflexões e as experiências a partir do Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Médio.

4.1 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NO ESTÁGIO DOCENTE DE EDUCAÇÃO INFANTIL

O Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil apesar de não ter sido minha primeira experiência docente, foi a maior experiência nessa jornada formativa, pois penso que foi a mais desafiadora e surpreendente, a qual me deparei com medos e anseios, e, ao final da trajetória, com o sentimento de superação desses sentimentos e a tomada do sentimento de orgulho de minha caminhada.

A escola que realizei o primeiro Estágio da graduação (de Educação Infantil) é caracterizada com cunho filantrópico e foi formada a partir de uma Instituição Espírita na cidade de Porto Alegre/RS, com o objetivo de acolher e formar centenas de crianças provenientes de famílias com poucos recursos financeiro. A escola é credenciada a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e preocupa-se com a formação escolar e o desenvolvimento das crianças.

A escola, atualmente, atende cerca de 150 crianças, com faixa etária entre 2 anos e 5 meses e 5 anos e 11 meses, distribuídas em 2 turmas de Maternal 1, 4 turmas de Maternal 2, 2 turmas de Jardim A e 2 turmas de Jardim B. Assim, afirmo que a referida escola foi um local agradável de se trabalhar, sendo que, a estrutura física, principalmente, se sobressai entre os pontos positivos, pois conta com um pátio externo o

qual tem brinquedos e espaços pequenos para plantação. Além disso, no último andar do prédio há um espaço grande com grama sintética e grandes blocos acolchoados, o qual era sempre disputado pelos professores estagiários, e, ao lado desse espaço, uma brinquedoteca com espaços educativos. Cabe ainda ressaltar um espaço de criação chamado “ateliê” onde encontrávamos materiais recicláveis, instrumentos musicais e brinquedos educativos. Além disso, a escola, em geral, possui materiais e móveis de qualidade e novos.

Sobre minha perspectiva no estágio, as conversas que tivemos com os profissionais da escola foram fundamentais para a construção de aprendizagem. Logo que chegamos na escola, tivemos uma apresentação do ambiente com a coordenadora pedagógica e o diretor para conhecermos melhor o funcionamento da instituição, realidades familiares, regras, normas e orientações pedagógicas.

Como relatei na Introdução deste TCC, já possuía uma bagagem anterior com estágio extracurricular, porém remunerado, pois trabalhava na época em outro local. Lembro perfeitamente dos meus pensamentos antes de iniciar o estágio da graduação, pensava que seriam os dias da semana mais cansativos, pois, iria repetir de tarde no meu trabalho o que faria no estágio da graduação pela manhã e poderia se tornar maçante, porém “fácil”. Esses pensamentos vieram pelo motivo de que no local em que trabalhava, eu acabei dando conta do que era esperado de mim como docente, antes de ter qualquer experiência na graduação, ou seja, aprendi a fazer planos de ensino, planos de aula, avaliações e, principalmente, a dar aula, sozinha, e, assim, de certa forma, realizava o trabalho de uma professora formada, mas estava no cargo de estagiária. Nesse referido local, apenas poderia contar com o auxílio das professoras das turmas, as quais, não viam a hora da Educação Física para deixarem as crianças comigo. Assim, aprendi do jeito que foi possível a fazer o papel docente para aquele local em específico, porém, para minha ingenuidade, pensava que quem conseguiu dar conta dessa demanda sozinha, seria fácil dar conta do estágio supervisionado e, ainda mais, com um colega de apoio. Porém, estava completamente enganada. Lembro que o semestre mais desafiador e cansativo, por demandar muito fisicamente e intelectualmente durante as aulas e, ao mesmo tempo, gratificante, ao longo de minha formação foi o semestre que realizei o estágio de Educação Infantil.

Mesmo que eu não siga, futuramente, na área da Educação Infantil, acredito que foram experiências que irei levar para a vida. O meu jeito de me direcionar a uma criança, entender e me comunicar com ela, mudou completamente após o estágio, compreender o

que ela necessita e quais são as maneiras de conscientizar e ensinar um ser humano que está em processo de construção, sendo tão pequeno, foram marcas que esse estágio me deixou. Lembro desta etapa, como um semestre leve e acolhedor, e acredito que grande parte tenha sido por conta da condução da professora orientadora, pois formamos um grupo unido e amigável, compartilhamos conhecimentos, experiências e frustrações ao longo das aulas.

Quando falei acima sobre o colega de apoio, me referi a uma combinação daquele semestre do estágio que, os acordos pedagógicos da manhã de estágio seriam organizados da seguinte forma: ser apoio de um colega que estará dando aula para sua turma, dar aula para a turma que eu era responsável com um colega de apoio, e participar da reunião pedagógica no final da manhã. Dessa forma, foi possível ter experiências com turmas de diferentes idades, além de, no fim da manhã, termos a possibilidade de refletirmos sobre o que aconteceu durante esses episódios. Esse também era o momento em que fazíamos as anotações no Diário de Campo, falas importantes da Professora Orientadora, reflexões e trocas de conhecimentos com os colegas.

A turma que realizei o estágio era um Jardim B e este foi realizado no primeiro semestre de 2022. Escolhi esse nível que acolhia crianças entre quatro e cinco anos, por ser a faixa etária com que mais tinha facilidade no estágio extracurricular, e, logo no primeiro dia de observação na Escola percebi que a turma era cheia de características próprias e com um grande desafio: zero contato com a Educação Física, em função do isolamento da pandemia de Covid-19, uma vez que os estágios anteriores foram realizados de forma virtual. Logo, a maioria das crianças pouco exploraram suas habilidades motoras e, também, se encontravam em processo de adaptação pós-pandemia, assim como toda população.

Além disso, nessa turma havia duas crianças as quais decorei o nome já no primeiro dia e desde o início me chamaram atenção, em meio a tantas outras crianças. Dotados de diferentes personalidades, uma delas era cheia de alegria, bastante comunicativa, querida e prestativa, mas com grandes inquietações e dificuldades em aceitar orientações, pois gostava de fazer tudo do seu próprio jeito, não conseguindo seguir os combinados, e, na época, estava em investigação para Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Porém, a escola não conseguia prosseguir, porque os pais não demonstraram interesse, então, era constantemente a dúvida se a criança teria alguma deficiência ou se não conseguia lidar com seus limites. Já a outra criança, diagnosticada com Transtorno

do Espectro do Autismo (TEA), era muito doce, comunicativa de sua forma (principalmente visualmente), expressiva corporalmente e muito inteligente.

A partir disso, fui percebendo o quanto dentro de suas próprias limitações, as duas crianças acabavam dispersando o restante da turma em todas as atividades diárias, uma querendo fazer as coisas do seu jeito e a outra vivendo experiências dentro da sua bolha. Dessa forma, encontrei dois desafios para conseguir desenvolver as aulas, os quais se tornaram tema da Narrativa Escrita que escrevi no final do estágio, onde procurei abordar as questões de como cativar/chamar atenção de uma criança que não consegue se interessar pela dinâmica da aula de Educação Física, e como promover a interação da criança com diagnóstico nas aulas de Educação Física.

Assim, inicialmente, fui observando e entendendo os mecanismos de funcionamento da turma e logo pensei em desenvolver atividades que fossem bem organizadas em questões de espaço, com objetivos delimitados, ou seja, com atividades isoladas. Por exemplo, em uma das aulas planejei um circuito locomotor, sendo realizado com uma criança por vez. Mesmo que talvez no meu subconsciente eu soubesse que era uma péssima escolha, que tinha tantas outras formas para tal prática, foi a saída que encontrei para tentar manter as crianças ao meu controle visualmente, pois ainda estava com muitos receios por não conhecer tão bem a turma e também por ter os olhares da orientadora durante minha prática. Pensava que se as coisas saíssem do meu controle ou passasse a visão de uma aula muito agitada, estaria falhando. Além disso, esse era o modo que trabalhava no local do estágio extracurricular, na maioria das vezes, e, até o momento, estava funcionando, porém, funcionar não significava que exercia minha prática docente de forma coerente.

Após essa minha tentativa, de acordo com minhas lembranças e anotações no diário de campo, de fato, a aula foi super organizada, a turma ficou sentada observando o colega que estava realizando o circuito, e, consegui, de forma geral, acompanhar cada criança durante o percurso, porém, uma das crianças que citei anteriormente, se interessava por outros objetos ao redor, e, às vezes, aparecia para fazer o circuito enquanto os outros colegas estavam fazendo. Já a outra criança que citei, não queria ficar na fila ou se interessava em ir onde o outro colega estava, porque obviamente parecia mais divertido. Essas situações que descrevo demandaram muito minha atenção em tentar resolver e aconteciam de forma consecutiva, de modo que, pensava que o impasse das minhas aulas seriam essas duas crianças em questão, e não a minha prática que

estava totalmente desconfigurada para as necessidades daquela turma e, especialmente, dessas duas crianças que tinham outras necessidades.

Assim, na reunião após a prática, a professora orientadora do estágio me orientou a tentar planejar aulas mais lúdicas, com as crianças se movimentando a maior parte do tempo, ao invés de observarem o colega realizar. Também me questionou sobre o que eu entendia por uma aula livre e uma aula com objetivos traçados, e me instigou a pensar em formas de proporcionar vivências enriquecedoras para as crianças da faixa etária da turma. A partir disso, mesmo com receio das aulas se tornarem um caos e ainda não totalmente convencida de que seria o melhor método, planejei uma aula com estafetas que poderiam ser feitas de forma simultânea e com a “história lúdica” de que estariam atravessando uma floresta encantada. Almeida (2000, p. 63) destaca:

O sentido real, verdadeiro, funcional da educação lúdica estará garantindo se o educador estiver preparado para realizá-lo. Nada será feito se ele não tiver um profundo conhecimento sobre os fundamentos essenciais da educação lúdica, condições suficientes para socializar o conhecimento e predisposição para levar isso adiante.

Para minha surpresa, foi uma das minhas melhores aulas, as crianças participaram do início ao fim e eu pude ir auxiliando, dando dicas e feedbacks durante a aula. Em relação às duas crianças que eu imaginava serem as mais desafiadoras, praticamente não foi preciso que eu interviesse ou precisasse chamar para atividade. Ao final da aula, ao ouvir também os feedbacks das crianças, respondi as perguntas listadas como desafios na página anterior.

Penso ser importante trazer a reflexão de que, ao escrever este trabalho, reler o Diário de Campo e analisar as situações vividas, atualmente me encontrando no fim de formação da graduação, essas questões parecem óbvias, mas, no momento do referido estágio, me encontrava com a sensação de um mosaico, que, de primeira impressão, parecia ser impossível de compreender.

Então, ao longo do estágio fui construindo minha prática que estava sendo moldada a cada dia, percebendo o que estava fazendo a partir do que me era anunciado pelas minhas práticas, no decorrer de cada novo conhecimento, experiência e orientação. Refletindo sobre a prática, fui me dando conta sobre como a teoria aprendida na faculdade foi aplicada ou desafiada no estágio e, fui seguindo essa mesma linha de raciocínio para responder às inquietações da prática. De acordo com Pimenta, (1997, p. 12): “A formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de

uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica”. Portanto, se refere a situações de grande complexidade, incerteza e de conflito de valores, que surgem ao longo das relações estabelecidas.

De forma geral, aprendi durante o estágio na Educação Infantil sobre a importância da ludicidade, pois por meio das atividades lúdicas a criança: organiza, constrói e reconstrói a sua compreensão de mundo; tem a possibilidade de desenvolver sua auto imagem e compreender e aceitar a existência dos outros, estabelecendo relações sociais; adquire conhecimentos, e desenvolve-se integralmente, ou seja, na área da linguagem, de cognitivo-motor e do afetivo-social. De acordo com Buss-Simão (2016):

Ao perceber o próprio corpo no espaço que ele ocupa, os batimentos cardíacos, (tempos nas brincadeiras como no pular corda, brincadeiras e músicas ritmadas) na percepção do seu corpo, da imagem corporal e consciência corporal (em momentos de sentir a respiração, o pulsar e as batidas do coração, os sons e ruídos do corpo e da natureza, as sensações de calor, frio, seco e molhado, as transformações e manifestações do corpo) (p. 202).

O universo lúdico contribui para que o desenvolvimento da criança aconteça de maneira saudável e prazerosa, pois seu caráter educativo está inserido em brincadeiras, jogos e brinquedos. A criança precisa brincar para desenvolver. O mais importante na atividade lúdica é a ação. Para responder minha pergunta anterior sobre como cativar/chamar atenção de uma criança que não consegue se interessar pela dinâmica da aula de Educação Física, e ou é dispersa, penso que, a partir das minhas vivências no estágio, pude refletir sobre esse questionamento e quais seriam as maneiras de intervir, visto que aquela criança precisa de uma atenção especial para que ocorra a participação na aula. Aprendi que bater de frente com as atitudes das crianças só iria me afastar mais ainda delas. Algo que funcionou muito durante o estágio foi encontrar formas de cativar as crianças para que sua atenção focasse na atividade e não no ambiente ao seu redor. Dessa forma, a criança conseguia, aos poucos, se enturmar na dinâmica e perceber que é mais interessante participar da aula do que desviar sua atenção para outro local.

Do mesmo modo, aprendi que a criança não possui entendimento de quando é necessário focar sua atenção nas orientações e que, muitas vezes, precisa respeitar o momento de explicação. Cabe ao docente, propor dinâmicas eficientes para explicar as atividades e propor combinados, pois, na maioria das vezes, as crianças respondem bem a combinações. Por fim, ao longo dos encontros pude perceber o fato de que o professor

possui papel referencial para a, tornando-se alvo de constantes avaliações. Assim, atitudes dizem mais do que qualquer discurso.

E para o questionamento sobre como promover a interação da criança com diagnóstico nas aulas de Educação Física, concluo, a partir de minhas vivências, que a Educação Física é uma grande ferramenta que pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades na criança com TEA, principalmente no que se diz respeito às aptidões sociais e motoras. Além de contribuir com a melhora do condicionamento físico e saúde de seus praticantes. Pude aprender que é o docente qualificado que oferecerá o suporte necessário para que haja a realização e o aproveitamento possível de cada atividade, levando em conta as necessidades das crianças. Com o estágio, pude perceber e criar estratégias para incluir crianças com autismo, por exemplo. Pude, a partir da experiência, construir uma relação afetuosa de respeito com a criança citada anteriormente. De acordo com Franco e Gomes (2020, p. 196) “É inaceitável, ainda, que professores apliquem os mesmos métodos e a mesma linguagem para a turma toda e considerem que todos os alunos aprendem da mesma forma e ao mesmo tempo”.

Percebi que minha postura docente exigia uma fala calma e uma compreensão sobre aquilo que ela queria expressar. Mesmo que nem sempre as crianças realizem a atividade como, às vezes, esperamos, é nosso papel docente elogiar e cativar. Quando alguma criança dispersa, falar algo que convide-a a pensar que sua presença é muito especial na atividade. Bem como, trabalhar com essa questão como algo geral, tratar todas as crianças da mesma forma, mas ter uma flexibilidade com aquela criança com deficiência, pois, ela realmente precisa de olhar afetuoso e atencioso com suas necessidades.

A partir de Bandura (1997), posso relatar também uma grande experiência vivida dentro deste universo infantil, como monitora da disciplina de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, no segundo semestre de 2022. Naquele semestre, quando eu estava atuando como monitora do estágio, uma colega estava com muitas dificuldades para conseguir concluir esta etapa e, junto com ela, - acredito que eu e a Professora do estágio - aprendemos muito, pois precisamos intervir para que ela não desistisse e seu esforço fosse contínuo. Lembro que ela ingressou no estágio com a mentalidade muita parecida com a minha, como se dominasse o papel de docente por ter experiências próximas, mas, no decorrer do estágio, ela encontrou dificuldades para lidar com o universo infantil, em uma turma de maternal, na qual, precisou aprender que o brincar livremente também faz parte do processo de aprendizagem, ainda mais nessa

etapa. Nesse sentido, ela precisou se reinventar, observar, ouvir e se transformar e, ao fim desse ciclo, foi lindo ver seu desenvolvimento e conclusão do estágio.

Ao relatar minhas experiências e desafios do Estágio de Educação Infantil, percebo que minha maior aprendizagem, pode-se dizer que a mais significativa para minha construção docente nesta etapa, foi aprender a construir uma prática lúdica unida a teoria. Essa combinação proporciona uma experiência de aprendizado e desenvolvimento que seja, ao mesmo tempo, envolvente e prazerosa para a criança. Entendo a importância deste saber após diversas tentativas frustradas de tentar realizar atividades complexas para esta faixa etária, assim, percebo que para alcançar o entendimento da ludicidade, é necessário, também, adquirir um olhar individual e atento para as necessidades que a turma apresenta, ou seja, as atividades precisam coincidir com as curiosidades e as capacidades apresentadas pelas crianças.

Por fim, foi possível identificar casos em que a teoria foi essencial e situações em que foi necessário ajustar a abordagem de acordo com a individualidade de cada criança. Ademais, pude refletir sobre a junção da prática com a teoria, pois, percebi que estava, muitas vezes, focando apenas na prática, quando pensava proporcionar atividades focando nas habilidades locomotoras como uma prática a ser aperfeiçoada de forma isolada, ao invés de desenvolver a prática dessas habilidades por meio de atividades lúdicas, ofertando o que essa faixa etária necessita.

No capítulo seguinte, tratarei das aprendizagens construídas e dos desafios vividos no Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental.

4.2 PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Este capítulo de minha vida foi perpassado por uma grande mudança em minha jornada na graduação, pois estava seguindo a trajetória do currículo do curso de Educação Física e ingressando no Estágio de Docência no Ensino Fundamental. Entretanto, no meio do semestre, fui chamada para realizar a Residência Pedagógica, justamente nos dias que precisava estar no presente estágio. Foi preciso tomar uma grande decisão, a qual irei relatar na sequência.

Para o Estágio no Ensino Fundamental, fui designada à uma Escola Estadual da cidade de Porto Alegre, localizada na Zona Norte e atende alunos oriundos de vários bairros da cidade. Nesta etapa, contei com a supervisão e orientação do Professor Elisandro Schultz. Lembro que para esse desafio, eu me encontrava mais confiante, após

as experiências com o estágio de Educação Infantil, minha bagagem estava um pouco mais completa e pensava que esta faixa etária seria mais fácil de conduzir, mesmo sendo minha primeira experiência com crianças desta idade. Mas, pelo fato de não ter um número exato de estudantes da graduação e turmas na escola de estágio, precisei fazer dupla com algum colega, logo, escolhi nesta jornada, um colega de graduação que pude acompanhar como monitora da Disciplina de Estágio Infantil, pois sabia o quanto ele era uma pessoa calma e eficaz no papel de docente, de forma que poderíamos aprender muito um com o outro.

Lembro que ao conhecer a escola, antes de começarmos a ministrar as aulas, além de termos contato com a turma, conhecemos um pouco da realidade da escola conversando com os funcionários, sendo nos apresentado os espaços e os materiais que estariam à nossa disposição. Esses materiais eram bem escassos, havia alguns cones, bambolês e colchonetes, algumas bolas em situação precária e alguns materiais para outras ocasiões. Em contrapartida, os espaços eram adequados, um ginásio de tamanho grande atrás do prédio da escola e o pátio contava com dois espaços os quais poderiam ser utilizados. Contudo, ao longo das aulas acabamos descobrindo complicações nestes locais, por exemplo, o ginásio, em função das vozes altas, possuía muito eco, impossibilitando a comunicação. E o pátio, frequentemente contava com aulas de Educação Física acontecendo de forma simultânea.

Após o período de observação da nossa turma de 4º ano, começamos a ministrar as aulas e a conhecer, de fato, nossas crianças, entendendo o funcionamento em grupo, como também, o funcionamento das professoras. As minhas percepções em relação a esses pontos, tornaram-se frustrantes de certo modo, pois minha turma contava com duas professoras antigas na escola e não concordamos com diversas atitudes ultrapassadas para docência, por exemplo, ameaçar que os alunos não iriam para Educação Física caso não se comportassem. Esta situação foi levada para as reuniões em grupo e debatemos muito sobre esse tipo de atitude invasiva, e, eu e minha dupla decidimos não criar um atrito respondendo essa fala da professora, mas caso acontecesse de fato, o que ela dizia, estávamos preparados para resolver com a orientação dada pelo professor supervisor, para nos impormos, com educação, mostrando para a professora desta turma que a Educação Física possui tanta importância quanto qualquer outra disciplina, e que, os responsáveis por esta decisão éramos nós, professores, e de que qualquer forma de excluir um aluno da atividade, não é algo pedagógico.

De modo geral, nossas práticas com a turma saiam como o planejado, mas ainda assim, encontramos alguns desafios: a turma era extremamente agitada e acabavam brigando muito entre si, mas, principalmente, era visível uma divisão entre meninas e meninos. Relato de uma das primeiras aulas:

Entendo ser esperado nessa idade, que as crianças acabam por manifestar preferência por seus amigos próximo, mas nesta turma vejo de forma exagerada. As meninas só aceitam fazer atividades em grupo se escolherem os participantes, composto apenas por meninas e meninos a mesma coisa. E ao mesmo tempo que demonstram gostar de atividades de competição pela emoção ao realizar, todas as atividades terminam em confusão, após os dois grupos de sexos distintos discutirem ou apontarem que o grupo rival está trapaceando (Diário de Campo, 06/2023).

Percebi que a turma era extremamente dividida por gêneros e preferências de identificação, a partir disso, notei que haviam crianças que, até mesmo quando as atividades eram individuais, não se encaixavam nos grupos pertencentes daquele ambiente, então, ficavam isoladas e cada vez mais distantes, ou, até mesmo, reprimidas em se expressar verbalmente e corporalmente. Lima e Dinis (2007), afirmam que a persistência de uma Educação Física que não reflete sobre suas práticas e seu papel na formação de seus alunos e alunas resulta em silêncio, colaborando para a formação dos estereótipos de homem e mulher, e, conseqüentemente, mantendo uma postura neutra, ajudando na formação de uma consciência coletiva de que ser homem e ser mulher atende a determinados padrões e regras normatizadas de conduta.

Além disso, as professoras da turma, de certa forma, não mostravam intervir nessas questões. Logo, eu e meu colega da graduação, percebemos diversos pontos cruciais a serem trabalhados na formação dessas crianças e decidimos não compactuar com essas situações, mesmo que nossa passagem por aquela turma fosse breve, decidimos intervir com o objetivo de promover a integração social, respeito e empatia entre estes alunos.

Ao conversar sobre essas questões com minha turma de estágio da graduação, refletimos sobre o papel do professor não ser ajudar somente na construção de conhecimento, mas também ajudar a desenvolver relações entre si e melhorar o ambiente. Trata-se da função socializadora da escola como instituição, já mencionada neste Trabalho anteriormente. Então, alteramos nosso Plano de Aula para atividades em grupos em que os participantes seriam de nossa escolha, e ao acontecer situações de desavenças entre equipes adversárias, ou, até mesmo, integrantes da mesma equipe, a turma era chamada para fazer um círculo de conversa e resolvermos aquela situação com

um diálogo respeitoso, mostrando para essas crianças meios de conduta para que aprendessem a resolver seus conflitos. Foi possível perceber com esta experiência, o quanto as crianças que estão em fase de formação de personalidade, possuem dificuldades em se expressar e lidar com sentimentos diferentes que aparecem ao longo do crescimento.

De início, foi desafiador essa abordagem ser aceita pelas crianças, principalmente a questão de gênero, mas com afeto e muita criatividade de minha parte e do meu colega para elaborar aulas divertidas e lúdicas, conseguimos trazer as crianças para nossa abordagem, pelo menos, dentro das aulas de Educação Física. O foco da turma se tornou participar das aulas, e nas atividades em equipe aprenderam a exercer a união por um motivo maior.

A partir daí, a turma melhorou bastante, as manhãs se tornaram divertidas e leves e muito mais organizadas também, pois foi estabelecido combinados e os alunos passaram a compreendê-los e respeitá-los.

Seguindo este capítulo, estava completando em torno de três meses realizando o estágio nessa escola, até que recebo o comunicado de que estaria sendo aceita no Programa de Residência Pedagógica (RP) da UFRGS, e, ao comparecer na reunião para saber detalhes, percebo que o orientador da Residência Pedagógica seria o mesmo orientador do estágio do Ensino Fundamental. Naquele momento, fiquei contente, pois é um professor que já possuía contato e me proporcionou grandes aprendizagens, então, o mesmo, acreditava eu, aconteceria no Programa.

O Programa RP foi criado como uma das ações da Política Nacional de Formação de Professores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e tem como objetivo principal reformular o currículo dos cursos de licenciatura, buscando aperfeiçoar os estágios curriculares supervisionados baseado em documentos realizados pelos próprios discentes participantes (Brasil, 2018), além de proporcionar a imersão dos licenciandos na escola.

Porém, ao finalizar meu ingresso na RP, surgiu o impasse da Residência ser nos mesmos dias que estava sendo realizado o estágio da escola, e, assim, logo precisaria tomar uma decisão: ou abandonar a Residência ou sair do estágio em questão. Após refletir sobre pontos positivos e negativos, escolhi usar a equivalência da Residência Pedagógica para o estágio fundamental, pois, minha Residência também seria realizada com este nível de ensino. E penso ser importante ressaltar, que tomei esta decisão por

saber que minha turma de estágio estaria super bem assistida pela minha dupla docente, sem prejudicar o andamento da disciplina.

Assim, naquele mesmo semestre fui designada para uma a Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada no Bairro Mario Quintana na cidade de Porto Alegre, com a supervisão da Professora Gabriela Nobre Bins. Então, o primeiro encontro foi realizado comigo e colegas da graduação também selecionados no referido Programa. Como o campo de trabalho do Programa RP é a escola, de acordo com Nóvoa (2017, p. 15): “Para formar um médico, precisamos de hospitais modernos”, a afirmação também é válida para professores: “Para formar um professor, é fundamental haver uma presença e uma vivência em escolas de referência”. Assim, participamos de uma reunião para conhecermos o corpo docente e o Projeto Político Pedagógico da escola, como também os espaços, materiais e curiosidades sobre o ambiente escolar, e, por fim, as normas da RP a serem cumpridas na carga horária, constituída por período de ambientação à escola; preparação do plano de atividade da residência; regência; participações em encontros de formação; elaboração do relatório final e avaliação do programa.

Lembro que ao entrarmos na sala de materiais ficamos todos surpresos, pois não esperávamos pelo que encontramos: uma sala com diversas prateleiras cobertas com materiais conservados e novos. Além disso, contava com estrutura completa de materiais para todas modalidades esportivas mais comuns, bem como, diversos jogos de tabuleiros, bambolês, cones de diversos tamanhos, cordas, entre outros materiais. Posso comparar essa cena com crianças entrando em loja de brinquedos, eu e meus colegas ficamos extremamente animados, pois, a estrutura disponível nas escolas é algo que por experiência própria pode motivar, bem como, desmotivar os docentes. Seguimos para conhecer os espaços da escola e as reações de animação continuaram, a escola conta com um ginásio fechado com todas as marcações de quadra no chão em dia, outra quadra ao ar livre fechada por cercas, espaço coberto ao entrar na escola e uma sala grande completa de espelhos para ensaios de dança e teatro.

Fui apresentada para minha turma de 9º ano e na primeira aula fui informada que ao longo de sua formação, pouco contato tiveram com a Educação Física, pois, a professora, durante grande parte dos anos, aderiu ao estilo “largobol” e quando a supervisora Gabriela assumiu, conseguiu desenvolver um trabalho significativo e apresentar a real finalidade da Educação Física, porém, logo em seguida precisou se afastar por questões de saúde, então, a Educação Física até eu ingressar, para aquela turma, estava sendo um período livre. Essa realidade me assustou bastante, por alguns momentos, até mesmo

antes de começar a aplicar minha prática, pensei que não daria conta e seria um total desastre. Outro ponto que me intimidou bastante foi o medo de não conseguir ter voz ativa com aqueles alunos que eram maiores que eu. Além de que, ao decorrer de minhas observações daquele ambiente escolar e também de histórias que os alunos me contaram, ou, até mesmo brincadeiras entre eles próprios, acabei por perceber que não se tratava apenas de uma escola municipal, mas de uma escola municipal localizada em um bairro acometido pelo tráfico de drogas. Nesse ambiente escolar, percebi que era composto por diferentes histórias de vidas, dificuldades familiares, financeiras e psicológicas.

Diferentemente das minhas experiências até o momento, naquela ocasião fui defrontada não mais com crianças, mas sim, adolescentes que não possuíam contato com a minha área e grande maioria vivem em uma realidade complexa. Assim, era uma escola com um desafio totalmente novo, o qual eu não tinha experiência alguma e muito menos sabia como encarar, pois, minhas abordagens anteriores iriam precisar ser ajustadas para a faixa etária. Mesmo que se tenha uma bagagem de conhecimento, por vezes, não é suficiente para atender às diversidades e complexidade cultural e social da escola. Há uma construção de conhecimento que “se renova e se (trans)forma a todo momento, mediante o seu convívio social” (Amorim Filho; Ramos, 2010, p. 5).

Decidi, em conjunto com a supervisora da escola e o orientador da Residência, começar me inserindo no ambiente antes de partir para prática. Assim, fui nos pequenos grupos conversando com os alunos, contando sobre minha vida, deixando que contassem as suas. Percebi que, aos poucos, fui me inserindo como uma professora que era mais velha que eles, porém, poderiam conversar sobre tudo, então, fui tomando meu espaço, tentando ser brincalhona, engraçada e amiga, mas, ao mesmo tempo, deixando nítido que existia uma relação de respeito. Dessa forma, fui estabelecendo combinados, eu escolhia um esporte a ser trabalhado e a turma, em conjunto, poderia escolher outro, então teríamos um período para trabalhar cada um deles.

Ao longo das aulas, destaco um dos principais eventos que marcaram essa jornada de minha formação docente. Tinha uma aluna que, desde o início, pude perceber que era uma figura influente dentro da turma, de voz ativa e uma personalidade forte, não gostava em hipótese nenhuma de ser contrariada e quem se metia em confusão com ela, estaria com uma briga comprada para o resto da vida. Com esse jeito, ela acabava por intimidar alguns e a ser bajulada por outros, até que um dia, esperando a troca de período, ela me mostrou um vídeo no seu celular em que estava batendo enlouquecidamente em outra

menina dentro da escola e me contou com o maior orgulho que foi por causa de um menino que as duas gostavam. Lembro que saí apavorada da sala pensando porque essa menina agia dessa forma e fui conversar com o diretor da escola, ele me contou sobre a história de vida dela, que o irmão mais velho estudou na mesma escola e foi expulso por ter atitudes piores que as dela, e a mãe se mostrou ser completamente em defesa de seus filhos mesmo que estivessem errados, ameaçando a escola e professores, e aconselhava a filha a resolver problemas com violência. A partir dessa conversa, entendi os motivos da estudante agir de tal maneira, e que a escola e a família não caminham em conjunto, neste caso, a escola faz o que pode para administrar as situações prezando que a estudante conclua seus estudos. Segundo Bracht (1992):

A socialização para o desempenho de determinado papel social envolve a aquisição de capacidades (habilidades) físicas e sociais, valores conhecimentos, atitudes normas e disposições que podem ser aprendidas em uma ou mais instituições sociais, como por exemplo, a família, a escola, o esporte, e ainda através dos meios de comunicação (p. 72).

Nesse sentido, no decorrer das aulas, fui tentando amenizar os rompantes da aluna, muitas vezes, intervindo em xingamentos e palavras direcionadas ofensivamente aos outros colegas. Depois de saber de toda situação familiar, pensava que intervir de forma mais rígida só iria piorar as coisas, porque eu acabaria virando um foco para suas perturbações e provocações, do mesmo modo que outros professores da escola viraram. Então, tentava conversar com ela da melhor forma possível, trazia conceitos de empatia e respeito para aconselhar, avisava sobre levar os acontecimentos para coordenação e as consequências que poderiam vir disso, mas, podia observar que cinco minutos depois, ela estava cometendo as mesmas atitudes, ou seja, eu não sabia o que fazer, e apenas comparecendo uma vez por semana se tornava ainda mais difícil, só sabia de um único fato, quando ela faltava aula, era totalmente diferente a dinâmica desta, os alunos se mostravam mais calmos e empáticos.

Por fim, mesmo tomada pelo sentimento de impotência e, até mesmo, de incapacidade em resolver essa situação, fui surpreendida e tomada mais ainda por esses sentimentos. Perto do final do ano letivo, durante uma aula, pedi para que ela participasse e ela disse que não poderia, pois, estava grávida e, ainda nem sequer tinha completado seus quatorze anos de idade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) Educação Sexual é papel da escola que, nesse sentido, deve tratar da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas (Brasil, 1998). Essa Educação Sexual em

relação a Educação Física, enquanto componente curricular deve participar desse trabalho de forma transversal e interdisciplinar, sendo proposta e integrada no Projeto Político Pedagógico da Escola que norteiam as ações educativas estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996).

Em um primeiro momento, pensei que seria alguma brincadeira de sua parte, questionei então, e ela me relatou estar tomando um remédio que, segundo ela, era “para alimentar o bebê, uma vitamina”, e tirou o remédio da mochila. Ainda assim, não conseguia acreditar, mas fiquei ouvindo seus desabafos sobre o caso. Me contou sobre o pai do bebê, que é um menino que só lhe magoava e não era seu namorado, e, ao mesmo tempo, brincava com a situação. Contou que sua mãe estava feliz em ser avó, eu nunca tinha passado por uma situação parecida nem mesmo em meu ciclo de amigas, e, literalmente, eu não sabia o que fazer, mas tentei, da melhor forma possível, ir dizendo que sua vida iria mudar e ela precisaria estar pronta para isso. No fim da aula, fui correndo pesquisar no celular sobre para que servia o remédio que ela me mostrou e para meu espanto, era indicado durante a gravidez. Na mesma hora, fui imediatamente contar para o corpo docente sobre a situação e este tomou as medidas corretas. Lembro que voltei para casa nesse dia totalmente transtornada.

O episódio que relatei acredito ter sido meu maior desafio dentro da Residência Pedagógica entre tantos outros, pois, conduzir a turma, desenvolver minha prática pedagógica, realizar uma Educação Física dirigida e lidar com uma faixa etária diferente, foram grandes desafios, mas com minhas experiências e aplicando meus saberes como docente, foi possível ir ajustando para que as aulas acontecessem, muitas vezes, diferente do que eu gostaria, mas de forma geral eu consegui alcançar meus objetivos. Porém, esse relato com a aluna em questão me trouxe a reflexão de entender meu papel enquanto docente e até onde ele deve ir. Do mesmo modo, pude compreender que nem sempre eu vou conseguir resolver desafios apresentados em minha jornada, mas que também não devo desistir de achar uma solução para lidar com a diversidade das histórias de vida dos alunos, como também aprender a lidar com o sentimento de impotência diante de determinadas situações.

E uma das maiores dificuldade em relação a escola como ambiente social, foi relacionada à questão da criminalidade ao redor, que esteve muito presente durante o período em que realizei a Residência, chegando a ocorrer suspensão das aulas por duas semanas, pois, estava acontecendo brigas de tráfico e os pais sabiam que a escola era

um lugar seguro, mas o deslocamento dos alunos até a instituição, se tornou extremamente perigoso.

Participei de alguns conselhos de classes virtuais com o corpo docente, juntamente com a comunidade de pais, e aqueles relatos me apavoraram, pois, acompanhava esse tipo de episódio apenas por notícias e, agora, eu estava inserida ali e percebendo o quanto aquela instituição era importante na formação dos alunos daquele ambiente, como também, o papel dos docentes.

Percebo, a partir das análises e tentativas de interpretações de meus relatos e de minhas vivências, que o Estágio do Ensino Fundamental e a Residência Pedagógica, tiveram, de forma geral, o mesmo propósito de aprendizagem sobre o papel da Educação Física em minha construção docente, pois, a partir de situações relatadas neste tópico, foi possível compreender a Educação Física dentro de uma escola e a escola dentro da sociedade, que deve ser tratada com a mesma importância e seriedade que as outras disciplinas. A partir de vivências e desafios com esse fator, pude aprender a me posicionar quando necessário para promover a equivalência de valores como componente curricular dentro do ambiente escolar. Em contrapartida, identifico, a partir de minhas experiências enquanto professora, que não possuía contato direto com os alunos todos os dias, que isso se torna uma grande barreira para conseguir me posicionar diante de algumas situações, pois acredito que torne o processo de construção de autoridade e legitimidade do professor mais desafiador em frente a escola. Entretanto, penso que seja nosso papel enquanto docentes lutar pelo nosso espaço.

4.3 PROTAGONISMO DE DISCENTES NO ESTÁGIO DOCENTE DE ENSINO MÉDIO

Para esse Estágio, fui designada a um Colégio Federal, situado na cidade de Porto Alegre, que atende alunos oriundos de vários bairros da cidade e arredores. É subordinado à UFRGS, e possui objetivos de promover o ensino, a pesquisa e a extensão em educação, além da oferta de campo de estágio junto à universidade. Além disso, a forma de entrada de alunos nesta instituição é por sorteio público, inclusive minha mãe tentou meu ingresso por muitos anos, justamente, por se tratar de um colégio conceituado em termos de educação. Diferente de mim, minha irmã mais nova foi sorteada e, atualmente, está no ensino fundamental. Assim, eu já estava, de certa forma, inserida naquele ambiente pelos relatos de minha irmã, como aluna.

Para esse estágio em questão, antes de iniciar, eu me encontrava sem muitos receios e sem muitas expectativas, sabia que teria desafios e não seria fácil, pois, o novo sempre causa estranhamento. Mas também sabia, de uma maneira geral, que a Educação Física naquela escola era levada tanto a sério quanto às outras disciplinas, esses alunos se encontravam submetidos a uma proposta pedagógica diferente das que estamos acostumados, possuíam liberdade para tomar determinadas decisões como a escolha de laboratórios no contraturno, e, também, conteúdos na Educação Física. Assim, a escola possui um ambiente extremamente agradável por conta dessas características, são alunos mais autônomos, maduros e questionadores.

No primeiro dia de observação, conhecemos os espaços. A escola conta com um gramado enorme ao lado dos prédios e juntamente duas quadras, uma coberta e a outra não, além de uma sala de materiais enorme e organizada, com todo tipo de material à disposição. Na sequência, fomos apresentados aos professores de Educação Física da instituição, que atuavam quando os estagiários não estavam em ação. Diferente dos outros estágios em que contamos apenas com o professor orientador da disciplina, nesse, teríamos a supervisão de dois professores da escola juntamente com o orientador de estágio da disciplina, essa questão era inédita para mim, pois nos outros estágios, para os alunos das escolas a única referência de Educação Física éramos nós, professores em formação.

Em sequência, conhecemos o método de funcionamento desta disciplina. A escola opta por não trabalhar com turmas, e sim, com modalidades dentro de cada série, em que os alunos escolhem qual gostariam de participar. Para aquele semestre, os supervisores programaram o tema de “jogos e brincadeiras” e “esportes de invasão”. Após nós, estagiários, escolhermos as séries, deveríamos escolher entre os temas. Neste dia, também conversamos sobre as abordagens escolhidas pelos professores e para minha surpresa, relataram trabalhar de forma científica-teórica e prática. Pelos fatos em questão, pude concluir que, diferente das minhas experiências anteriores, este estágio iria demandar muito de mim, pois, até o momento, eu lidava com alunos com pouca experiência com a Educação Física, então, optava por começar do mais básico e avançar de acordo com as respostas. Porém, nessa escola, os alunos já estariam em outro nível e eu precisaria encontrar formas de minhas aulas não serem monótonas e fáceis.

Escolhi um grupo de alunos do segundo ano de Ensino Médio e, mesmo sabendo que a modalidade “jogos e brincadeiras” seria mais fácil de desenvolver, naquele momento, optei por me desafiar, escolhendo “esportes de invasão”, pois, ainda não tinha

trabalhado com esportes de forma avançada, e precisava estar preparada para isso quando me formasse e assumisse uma turma, de fato, como docente. Após perceber o quanto complexo seria, o receio foi grande de não dar conta e acabar por perceber que não levo jeito para profissão que escolhi, pois, além de todos esses fatores, o mais importante era eu ainda não ter cursado as disciplinas de esporte de invasão na faculdade, então, se tornaria muito mais difícil ter confiança nas minhas práticas, mas era a oportunidade que eu tinha em minhas mãos e resolvi me arriscar.

A partir de uma reunião com os alunos, decidimos as modalidades de handebol, futsal e basquete para serem trabalhadas ao longo do semestre. Focando em aprofundar conhecimentos, vivências e problemáticas a serem debatidas durante as aulas. Seguimos para o período de observação com os supervisores atuando e desenvolvi grande afeição pelo professor que eu estava acompanhando, pois ele conduzia as aulas de forma confiante, e sem esforço nenhum. Instigava os alunos a pensarem de diferentes formas, trazia ideias que eu jamais tinha imaginado e sempre que possível reunia eu e meus colegas para conversarmos sobre a docência e suas experiências. Esse professor contribuiu muito com seus conhecimentos para minha formação e, ao final de nossa passagem, presenteou os estagiários com um livro escrito por ele.

Ao iniciar na parte prática do estágio, me inspirei grande parte neste professor citado acima, ele tinha para si que os alunos em questão precisavam exercer o pensamento para desdobrar situações, e que nosso papel como docente era oportunizar essas vivências, pois, já possuíam as bases dos esportes aprendidas durante sua formação e o foco não era desenvolver atletas, mas sim, introduzir um estilo de vida ativo e saudável, além de vivências para que os alunos soubesse se virar ao jogarem determinadas modalidades, e caso se interessem por algum esporte em específico, também era nosso papel mostrar o caminho. Esta reflexão, vem de encontro com o pensamento de Gasparetto (2014): “Espera-se que, ao final do Ensino Médio, o aluno tenha autonomia de saber por quê, para quê e como realizar suas atividades físicas, se assim desejarem, sem a necessidade de acompanhamento de um profissional” (p. 14).

Assim, a partir das modalidades escolhidas, iniciei com uma pesquisa científica e teórica para que os alunos entregassem um trabalho com as regras, fundamentos, estratégias, posições e curiosidades de cada esporte, com o objetivo de que absorvessem a parte teórica para ingressarmos na prática. Após essa etapa, íamos para atividades dirigidas com prática de fundamentos, atividades lúdicas e educativas com o intuito de desenvolver princípios de colaboração e trabalho em equipe, e, por seguinte, eram

realizadas partidas com diferentes regras e estratégias. No final de cada modalidade, era proposto que os alunos criassem alguma atividade com esse foco para apresentar para o grupo, experimentando o papel de docente. Essa iniciativa fez com que os alunos adquirissem maior autonomia e entendessem o papel do professor e desenvolvessem uma melhor convivência entre eles.

Tivemos diversas rodas de conversas onde debatemos assuntos como gênero, respeito, empatia com as individualidades de cada aluno, e foi onde encontrei maiores momentos de sucesso. Pude aprender que, alunos do Ensino Médio são seres humanos críticos e que gostam de expressar sua opinião, e encontram-se em um grupo com seres que pensam de diferentes formas, então, a cada situação que achei necessário, a aula foi interrompida e conversamos sobre o ocorrido, focando em uma solução, evoluímos e criamos uma grande relação à partir disso.

Neste Estágio do EM, minha relação com os alunos foi ótima, me sentia extremamente acolhida pelo grupo, como também, minha capacidade em resolver situações que apareceram durante as aulas. Pratiquei a fala e escuta, proporcionei momentos de aprendizados e evolução locomotora e intelectual. Em contrapartida, percebo que minha maior dificuldade foi ensinar modalidades em que eu ainda não tinha experimentado na graduação. A partir disso, logo no semestre seguinte, cursei estas disciplinas e escolhi justamente as que percebi maior dificuldade, e pude entender o quanto fariam diferença na minha prática do estágio em questão. Assim, minha maior dificuldade como docente para esta experiência, foi elaborar Planos de Aula a partir da base teórica que precisei pesquisar para tentar dominar. Ainda, ocorreram momentos em que me senti totalmente insegura para demonstrar ou explicar determinadas atividades.

Assim, percebo, neste estágio, que foi possível adquirir conhecimentos e aprendizagens a partir de um modelo de docência ainda não conhecido por mim, ou seja, pude viver uma situação docente completamente nova. Como sou uma pessoa observadora, as aulas em que mais pude extrair ensinamentos, foram as aulas ministradas pelo professor supervisor. Já as reuniões com o nosso orientador da disciplina, sempre foram significativas, pois traziam questões importantes sobre a prática, motivando e ajudando a sair da zona de conforto de uma docência padrão. Percebo que o Estágio de Ensino Médio me possibilitou experimentar um novo saber em minha formação, até o momento não acessado. Me percebi vivenciando o papel docente como mediadora de possibilidades, oportunizando para que os alunos produzissem, de forma autônoma, um conhecimento a partir de um embasamento fundamentado. Para reafirmar

esta análise, me apoio em Charlot (2000), que considera o sujeito como um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; sendo assim, também um indivíduo portador de desejos e movido por eles, além de estar em relação constante com outros seres humanos, também se constroem enquanto sujeitos, ou seja, um ser social que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais e interpreta o mundo de forma individual, atribuindo sentido à posição que ocupa nele.

Por fim, essa experiência pode me proporcionar o entendimento de que os alunos precisam entender e descobrir a melhor forma de resolver e desenvolver situações e problemas táticos apresentados. Assim, a partir de minhas práticas, entendo que o papel do professor é centrar em quem aprende para que descubram as respostas de acordo com o objetivo planejado.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Os Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS e a Residência Pedagógica me propiciaram ter um contato com alunos de diferentes faixas etárias, bem como diferentes instituições, ambientes, profissionais e colegas envolvidos. A partir da realização dos Estágios e da Residência, percebo que foi possível, não só desenvolver e aplicar na prática pedagógica, as capacidades e as competências adquiridas ao longo da Formação Inicial, experimentando a frase “a prática é diferente da teoria”, como também, significaram, para mim, a construção de novos conhecimentos.

Dentre as aprendizagens construídas, destaco que aprendi a trabalhar com diferentes faixas etárias, construir planejamentos de aula organizados e coesos, ter domínio sobre uma turma e controle sobre mim mesma. Aprendi, também, a falar de uma maneira adequada de acordo com a faixa etária de cada aluno, desde crianças bem pequenas até adolescentes, pois percebi que são linguagens e abordagens totalmente diferentes. Aprendi, ainda, a desenvolver um olhar sensível para cada situação e cada turma, a lidar com alunos mais desafiadores ou portadores de deficiência. Aprendi a desenvolver uma prática lúdica fundamentada por traços pedagógicos e a sua importância na Educação Infantil, bem como aprendi a lidar com este universo.

Como foi observado, o capítulo sobre o Estágio de Educação Infantil resultou em um maior número de páginas por ser o meio em que estive inserida durante maior parte de minha graduação, como estagiária docente e, logo após, como monitora da disciplina. Assim, fui exposta a diversos episódios importantes para meu desenvolvimento como docente e construí uma bagagem para enfrentar os estágios de EF e EM, assim também, a Residência Pedagógica.

Enfim, percebo que adquiri conhecimentos e aprendizagens para atuar frente a diferentes situações, ambientes e contextos a partir de minhas vivências, e, foram justamente através das dificuldades e dos desafios vividos ao longo da realização dos Estágios, que pude construir as aprendizagens e os conhecimentos, pois tive que buscar as alternativas para solucionar.

Deste modo, os Estágios representam, para mim, um papel de fundamental importância por oferecer experiências pedagógicas concretas e penso que minha trajetória na graduação pode ser representada da seguinte forma: quando cheguei na faculdade contava apenas com uma bagagem de mala, e ao longo da graduação fui

adquirindo conhecimentos os quais podem ser comparados a peças de roupas, então, fui colocando conhecimentos nesta bagagem de mala. Quando concluir a graduação, irei para o campo de trabalho e estarei com esta mala repleta de roupas/conhecimentos. Assim, quando for exercer o papel de docente, a cada episódio tirarei desta bagagem de mala um tipo de conhecimento ou aprendizado para servir naquele momento, logo, cada vez mais a prática irá me devolver roupas para guardar em minha bagagem e, ainda, tendo consciência que esta bagagem precisará ter um fundo infinito, pois, estarei sempre construindo mais aprendizados para constituir minha docência.

Retomando o problema de pesquisa deste TCC: “Como as experiências construídas nos Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS impactaram a formação acadêmica e a constituição da docência de uma estudante de Graduação?”, destaco que, a partir da minha prática atuando em diferentes contextos de faixa etária e ambientes, da narrativa de meus aprendizados e reflexões baseadas em meus atos, foi possível construir a minha docência, analisando meu processo nesta graduação e de certa moldando a profissional que desejo ser.

Ao terminar este TCC e minha jornada na graduação, pretendo seguir na docência, pois, a realização deste trabalho foi de grande importância para que eu encontrasse o tipo de docência que pretendo representar nas escolas, a partir do agrupamento de todas minhas experiências e reflexões tiradas de cada momento. Do mesmo modo, tenho como objetivo, sempre estar exposta ao desenvolvimento profissional, na busca de conhecimentos e aperfeiçoamento em minha prática, por isso, pretendo seguir na área acadêmica buscando maiores conhecimentos, narrando e dividindo minhas vivências com interessados por esta área.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.
- ALMEIDA, Paulo Nunes. **Dinâmica lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 2000.
- AMORIM FILHO, M. L.; RAMOS, G. N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 223-38, abr./jun., 2010.
- BANDURA, A. **Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change**. *Psychological Review*, 1997. p. 191-215.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí/RS, 2005.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES Nº 009/2001. **Diretrizes curriculares para formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Brasília-DF: MEC/CNE, 2001.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Experiências sensoriais, expressivas, corporais e de movimento nos campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil. **Debates em Educação**. Maceió, V. 8, n. 16, 2016.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAYRELL, J.. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, p. 136-161, 1996.

FRANCO, Renata Maria da Silva; GOMES, Claudia. Educação inclusiva para além da educação especial: uma revisão parcial das produções nacionais. **Rev. Psicopedagogia**, 2020.

GASPARETTO, Sabine Rocha. **O gerenciamento do tempo das aulas de Educação Física no Ensino Médio**. 2014. 33f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GAYA, A. C. A. **Projetos de Pesquisa Científica e Pedagógica**: o desafio da iniciação científica. Belo Horizonte: Casa da educação física, 2016.

HOSS, Ramayanna. **As aprendizagens e os desafios dos estágios de docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**: reflexões a partir da prática, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

JOAQUIM, Nathália de Fátima; BOAS, Ana Alice Vilas; CARRIERI, Alexandra de Pádua. Estágio docente: formação profissional, preparação para o ensino ou docência em caráter precário. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 351-365, abr./jun. 2013.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009.

KLANOVICZ, Jamile Mezzomo; SILVA, Lisandra Oliveira e; BRAGA, Tiago de Matos. (Orgs.). **O que aprendemos quando ensinamos Educação Física?** Relatos de experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil. Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, 2016.

LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 1, p. 243 - 252, Jan/Jun, 2007.

LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 1, p. 243 - 252, Jan/Jun, 2007.

Merleau-Ponty, M. **A dúvida de Cézanne**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MOLINA NETO, V.; FRIZZO, G. F. E.; SILVA, L. O. e. O Trabalho pedagógico como eixo articulador da formação, da pesquisa e do ensino do professorado de Educação Física. **Cadernos de Educação (UFPEl)**, p. 100-17, 2014.

MOLINA NETO, V.; GILES, M. G. Formação profissional em Educação Física: introdução. BRACHT, V; CRISORIO, R. (Orgs.). **A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

MOLINA, R. M. K.; MOLINA NETO, V. Pesquisar com narrativas docentes. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 165-176.

MOREIRA, Antônio Flávio. O currículo como política cultural e a formação docente. In: SILVA, T. T. (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1995.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NÓVOA, A. Pensar la escuela más allá de la escuela. **Con-Ciencia Social**, n. 17, p. 27-38, 2013.

OLIVEIRA, V. F. Narrativas e saberes docentes. In: OLIVEIRA, V. F. (Org.). **Narrativas e Saberes Docentes**. Ijuí: Unijuí, 2006.

PÉREZ, Gómez; ÁNGEL I, Sacristán; GIMENO, José. **As funções sociais da escola: Da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência**. Compreender e transformar o ensino. 1998.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores: Saberes da Docência e Identidade do Professor**. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; FUSARI, José Cerchi; ALMEIDA, Maria Isabel de; FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **A Construção da didática no GTDidática: análise de seus referenciais**. São Paulo: Cortez, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas SP: Autores Associados, 2012. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, Lisandra Oliveira e. **Os Sentidos da Escola na Atualidade: Narrativas de Docentes e de Estudantes da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre**. 2012. 316f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

VASCONCELOS, Alana Danielly; SANTOS, Luiz Anselmo Menezes; FERRETE, Anne Alilma Silva Souza. O modelo de reflexão-na-ação de Donald Schön na formação inicial de professores. Anais. Colóquio internacional de educação e contemporaneidade (Educon). Sergipe – **Brasil. Revista Ibero Americana de Estudos em Educação Araraquara**, v. 14, n. 2.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TABELA REVISÃO DE LITERATURA

TÍTULO	AUTOR	REVISTA	LINK
A docência em Educação Física em tela: usos dos métodos (auto)biográficos em processos de investigação e formação	Ândrea Tragino Plotegher, Aline Britto Rodrigues, Elisandro Schultz Wittizorecki	Revista Motrivivência	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/91368
O que eu transformaria? Muita coisa!": Os saberes e os não saberes docentes presentes no estágio supervisionado em Educação Física	Luis Eugênio Martiny, Pierre Normando Gomes-da-Silva	Revista da EFI da UEM	https://www.scielo.br/j/refuem/a/FyQKtRLw6vJ5njGZG6Y4Bhd/abstract/?lang=pt
Práticas Pedagógicas como cenário para a construção do conhecimento pedagógico do conteúdo dos futuros professores de educação física	Daniel Marcon, Amândio Braga dos Santos Graça, Juarez Vieira do Nascimento	Revista da EFI da UEM	https://www.scielo.br/j/refuem/a/GdFdrRkVrycNtk5XKLNNgkt/abstract/?lang=pt
Experiências de ensino no estágio supervisionado e autoeficácia para ensinar educação física na escola.	Roraima Alves da Costa Filho, Roberto Tadeu laochite	Revista da EFI da UEM	https://www.scielo.br/j/refuem/a/wz6HcYFW7KTVdJBtgQdSZgB/abstract/?lang=pt
O programa residência pedagógica na perspectiva dos preceptores da área de ciências da natureza, na Universidade de Brasília	Farah Camila Murtadha, Ana Júlia Pedreira	Revista Kiri-Kerê Pesquisa e Ensino	https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/32466
Contribuição do programa residência pedagógica para a formação dos discentes da licenciatura em educação física da UFV- CAF	Rizia Caroline Nascimento dos Santos, Marcília de Sousa Silva, Larissa Quintão Guilherme	Revista Instrumento Revista de estudo e pesquisa em educação	https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/34946
"Alinhamento Astral": O estágio docente na formação do licenciado	Rute Viegas Nunes, Alex Branco Fraga	Revista Pensar a Prática	https://revistas.ufg.br/fef/article/view/176

em Educação Física na ESEF/UFRGS			
A questão da formação de professores de educação física e a concepção de professor enquanto intelectual-reflexivo e transformador	Anegleyce Teodoro Rodrigues	Revista Pensar a Prática	https://revistas.ufg.br/fe/article/view/11
Os estágios curriculares supervisionados nos cursos de licenciatura em educação física: uma revisão sistemática	Vinicius Kofahl Macedo, Gabriela Breggue da Silva Sampaio, Gelcemar Oliveira Farias, Renato Daniel Trusz, Iris Dantas da Mota, Marcos Paulo Vaz de Campos Pereira	Revista Pensar a Prática	https://revistas.ufg.br/fe/article/view/44419
Análise das práticas e o processo de formação de professores de educação física: Implicações para a fundamentação da epistemologia da prática profissional	Luiz Gustavo Bonatto Rufino, Larissa Cerignoni Benites, Samuel de Souza Neto	Revista Movimento	https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/62108
O estágio na licenciatura em educação física como “coisa viva”: uma perspectiva a partir da semiótica e do pragmatismo de Charles. S. Peirce	Diego de Sousa Mendes, Mauro Betti	Revista Movimento	https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/71897
Estruturantes da base de conhecimentos para o ensino de estudantes-professores de Educação Física	Daniel Marcon, Amândio Braga dos Santos Graça, Juarez Vieira do Nascimento	Revista Motriz	https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n3p776
PIBID Educação Física: experiências na formação de professores	Paloma Cibele Rivera Matter, Giovana Rastelli, Luiz Gustavo de Medeiros Manchein,	Revista Motrivivência	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e59669

	Nicole Gonçalves Custódio, Sérgio Roberto Almeida, Gelcemar Oliveira Farias		
O estágio docente e a produção/alteração de sentidos à docência em educação física	Marlon André da Silva, Paulo Evaldo Fensterseifer, Elisandro Schultz Wittizorecki, Vicente Molina Neto	LUME	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/255489
Estágio de docência de educação física na educação infantil: desafios e possibilidades	Míriam Stock Palma	LUME	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149112/001005044.pdf?sequence=1
Arquitetura escolar e o ensino de Educação Física: Relações (Im)possíveis	Camila Fagundes de Oliveira, Lisandra Oliveira e Silva, Vicente Molina Neto	Revista Pensar a Prática	https://revistas.ufg.br/fef/article/view/11447
Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo	Vera Lucia Trevisan de Souza, Paula Costa de Andrade	Estudos de Psicologia I Campinas 30	https://www.scielo.br/j/estpsi/a/F937bxTgC9GgpBJ8QhCKs6F/?format=pdf&lang=pt